

AUTOCONCEITO:

Estudo de sua Expressão

em Jovens Mulheres

Atletas e Não Atletas.

Camila Soligo Barbosa



AUTOCONCEITO:

Estudo de sua Expressão

em Jovens Mulheres

Atletas e Não Atletas.

Pesquisa apresentada como exigência parcial da Disciplina Seminário de Monografia II da Faculdade de Educação Física para obtenção do título de bacharel em Treinamento em Esportes sob orientação do Professor Doutor Orival Andries Júnior.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
Campinas / SP
2002

Orientador

Professor Doutor Orival Andries Júnior

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
Justificativa da pesquisa	
Apresentação do problema	
Definição dos objetivos	
AUTOCONCEITO, ADOLESCÊNCIA, MULHER E ESPORTE: Breve Enquadramento Teórico.....	6
A PESQUISA: Metodologia.....	16
Tipo de pesquisa	
Participantes	
Instrumento utilizado	
Procedimento de coleta de dados	
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXOS.....	62

“Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser.

Sabe a arte de esconder-me, e é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo, não meu agente, meu envelope selado, meu revólver de assustar, tornou-se meu carcereiro, me sabe mais que me sei “.

(Drummond, 1984, p.7)

RESUMO

No período da adolescência as alterações corporais apresentam à maioria dos jovens a necessidade de elaborar uma nova imagem corporal. Neste estudo, a partir de uma complexa relação do jovem com o próprio corpo, focalizando a população do sexo feminino, analisa-se o autoconceito físico. Como objetivos este estudo procuramos caracterizar a expressão do autoconceito real e do autoconceito idealizado em jovens mulheres atletas e não atletas e procurou comparar as verificações de expressões de autoconceito de um grupo frente ao outro, considerando as representações culturais de feminilidade no esporte e fora dele. Para que os objetivos fossem atingidos foi aplicado nas adolescentes um instrumento de coleta de dados composto de quatro partes - três escalas e um questionário.

O estudo de natureza qualitativa e quantitativa tem como participantes 20 jovens de idade entre 13 e 15 anos, do sexo feminino, atletas e não atletas; os dados obtidos foram analisados através das frequências relativa e frequência absoluta das respostas , apresentando-se os resultados relativos por meio de Figuras e Tabelas

Ao final deste trabalho pudemos perceber que as atletas sabem de suas necessidades em ter um corpo forte, musculoso e de serem altas, porém, ao mesmo tempo relatam um ideal de fragilidade, de uma imagem que para elas corresponde ao ideal feminino que nossa sociedade almeja. Para as participantes não atletas desta pesquisa o mesmo ideal de fragilidade existe, porém diferencia-se na medida em que essas não possuem um desencontro entre a necessidade e a idealização, e para esta população pesquisada pode-se constatar que o corpo-atleta representa um ideal válido.

Palavras – Chave: Autoconceito Real e Ideal; Adolescentes; Mulheres; Esporte; Atletas; Não Atletas

INTRODUÇÃO

Uma análise do desporto mundial mostra, segundo Becker Júnior (2000), que ele iniciou de uma forma recreativa e educacional, onde o praticante tinha alegria naquela atividade, ou seja, o praticante era o consumidor do esporte.

Nos dias atuais o esporte foi transformado em espetáculo, onde o espectador é o consumidor, a espectadora é a consumidora e o atleta, a atleta os consumidos. Uma parte significativa das regras foram mudadas para tornar o esporte mais atraente para os espectadores, em sua maioria homens, e para equacionar os interesses da mídia. O atleta e a atleta têm que apresentar o máximo de rendimento com a maior eficácia possível.

Para alcançar o rendimento-eficácia houve uma enorme evolução da preparação física, técnica, tática e da tecnologia aplicada ao esporte. Houve também grande evolução no esporte de alto rendimento a partir da entrada da mulher nesse cenário, no início do século XX.

A determinação da mulher levou-a a uma participação efetiva no cenário esportivo – suplantando preconceitos e discriminações, segundo Giuffrida, Delphino Júnior e Simões (2002).

Com o movimento feminista dos anos oitenta, a participação feminina no esporte tornou-se constante, levando as mulheres, nos últimos 40 anos, a conseguirem melhorar e muito o seu percentual médio de resultados por Olimpíada (Simões, 1996).

A participação feminina no fenômeno esporte tem sido abordada sob diferentes perspectivas em termos sociais, culturais, biológicos e psicológicos, mas que em sua plenitude é um modelo de realidade social, ainda de domínio masculino.

No tocante a dominação masculina, queremos registrar aqui a necessidade de esclarecimento sobre as condições masculina e feminina: orientação de gênero, que se refere aos traços ou as características psicológicas de feminilidade e masculinidade que os indivíduos acreditam representar a si mesmos, sem uma base biológica.

De acordo com Brandão (2002), para a Psicologia do Esporte é chegado o momento de se falar, quando se utiliza como referência à mulher atleta, em uma perspectiva feminista do esporte, uma vez que, não existe homogeneidade nas experiências esportivas de homens e mulheres.

Ser sensível a diversidade existente entre homens e mulheres é acreditar que diferenças de socialização, falta de oportunidades iguais e diferentes percepções e estereótipos dão à atleta mulher uma perspectiva única de esporte. Portanto, o feminismo neste caso, não se refere a valores sexuais, mas sim em um intuito de colocar as mulheres no centro e não na periferia dos estudos do esporte.

A Psicologia aplicada ao exercício e ao esporte é segundo Becker Júnior (1995):

“A disciplina que investiga as causas e os efeitos das ocorrências psíquicas quer apresenta o ser humano antes, durante e após o exercício ou o esporte, sejam estes de cunho educativo, recreativo, competitivo ou reabilitador”.

A Psicologia do Esporte, de acordo com a Federação Européia de Associações de Psicologia do Esporte – FEPSAC apud Becker Júnior (2000), se refere aos fundamentos psicológicos, processos e

conseqüências da regulação psicológica das atividades relacionadas ao esporte, de uma ou mais pessoas praticantes dos mesmos.

É uma das vertentes da Psicologia do Esporte, a Psicossociologia do Esporte que tratará com maior cuidado da relação existente entre mulher, esporte e sociedade.

Examinando-se a área do exercício físico, podemos verificar que estamos passando por um momento em que o corpo humano está submetido à tamanha pressão, buscando modificação de suas formas de acordo com as fantasias individuais ou com o tipo apontado pela moda atual.

As pressões sobre o corpo reforçadas através da mídia de corpos atraentes, trás conseqüências variadas: não é surpresa que uma parte de nossa sociedade se lance na busca da aparência física idealizada, seja essa aparência magra, forte, feminina ou masculina.

Esse processo tem um impacto negativo, muitas vezes, sobre as mulheres e esta discussão se torna de maior importância quando tratamos de uma população jovem.

Neste estudo, o termo jovens será sinônimo do termo adolescentes, no que diz respeito à caracterização feita por Osório (1991), de este ser um período de transformações físicas, psicológicas e sociais. É no período da adolescência que ocorre à busca de definição e consolidação da identidade, ou seja, de acordo com Bee (1984) é na adolescência que se busca a identidade como reconhecimento por parte do indivíduo: de que ele é um ser único, distinto de todos os demais, com características exclusivas.

A busca da identidade está muitas vezes permeada por uma questão principal: Quem sou eu? E, além de um reconhecimento busca-se

aceitação de quem somos, do que somos. O reconhecimento e a aceitação de quem somos, do que somos, física e biologicamente é uma pré-condição da feliz conclusão de uma identidade pessoal madura.

A criação de autoconceito, de uma imagem do corpo e de uma identidade aceitável ao adolescente pode ser prejudicada pelas variações do estereótipo cultural predominante. Segundo Osório (1991) um desenvolvimento fora dos padrões impostos pelo contexto, pela sociedade, pode perturbar o adolescente e a adolescente.

Como **objetivos gerais** para este estudo procuramos: **identificar, analisar e interpretar o autoconceito, num sentido de benefício para a saúde e para a manutenção da qualidade de vida de jovens mulheres atletas;** e como **específicos: avaliar a expressão do conjunto autoconceito real e idealizado em jovens mulheres atletas e em jovens mulheres não atletas comparando tais verificações de autoconceito real e idealizado das atletas frente às verificações das não atletas.**

AUTOCONCEITO, ADOLESCÊNCIA, MULHER E ESPORTE: Breve Enquadramento Teórico

De acordo com Silva Júnior (2001) é durante a adolescência, que o indivíduo se encontra mais susceptível as influências sociais e culturais. É no período da puberdade que as mudanças fisiológicas, que vão desde o tamanho do corpo e a força física até as novas energias e capacidades sexuais, apresentam aos jovens a necessidade de elaborar uma nova imagem corporal, ou seja, exigem uma revisão e uma reconstrução da imagem do próprio corpo, analisada na presente pesquisa através do autoconceito.

O autoconceito se desenvolve ao longo da história de cada um em um processo contínuo de aprendizagem social. A conquista de um autoconceito é o que Aberastury e Knobel (1988) chamam também de ego, assinalando que este vai se desenvolvendo a medida que o sujeito vai mudando e vai se integrando com as concepções que muitas pessoas, grupos e instituições tem a respeito dele, desta forma, assimilando todos os valores que constituem o ambiente social.

O conceito de si mesmo não é um conceito simples ou um simples conceito. Na realidade é muito mais do que um conceito; é um conjunto de conceitos, representações, juízos descritivos e valorativos a respeito do próprio sujeito, e de acordo com Fierro (1995), tal conjunto se refere a si mesmo sob diferentes aspectos: o próprio corpo, o próprio comportamento, a própria situação e as relações sociais, o que permite que dentre os vários aspectos sejam diferenciados um si mesmo corporal, um si mesmo psíquico e um si mesmo social ou moral.

É oportuno destacar a definição de autoconceito para Estêvão e Almeida (1999) atentando para a composição que os autores organizam entre imagens, auto-estima e auto-eficácia. Para estes autores autoconceito é:

“A percepção que o sujeito forma de si. Trata-se de uma percepção multifacetada, ou integrando diversas dimensões, incluindo-se nessa percepção as descrições (imagens) e as valorações, por exemplo, à auto-estima, e as expectativas, por exemplo, a auto-eficácia” (p. 115).

A auto-eficácia, conceito formulado por Bandura (1977), é um elemento que podemos considerar como integrador do autoconceito.

As expectativas de auto-eficácia determinam quanto esforço a pessoa despenderá em uma determinada atividade e por quanto tempo ela persistirá em um determinado comportamento, sendo que a persistência é um fator fundamental, uma vez que é ela que permite à pessoa corrigir suas crenças em relação às suas capacidades e habilidades. Assim, Bandura parece supor que as expectativas de auto-eficácia não operam independentemente dos fatores contextuais. Ao contrário, eles parecem estar envolvidos num complexo sistema onde comportamento, sentimento e cognição interagem continuamente.

Através de processos cognitivos, que são processos de assimilação de experiências, de atribuição de sentido e valor a essas experiências, e de sua ordenação em padrões organizados de conhecimento e sentimento atingimos o autoconceito.

A organização de experiências não se dá de modo automático como se o indivíduo fosse um receptor passivo. Ao contrário, as novas experiências são incorporadas às experiências anteriores.

É ainda relevante para este trabalho a definição de autoconceito fornecida por Strato e Hoyes (1994), uma vez em que é nesta definição que o aspecto avaliativo do autoconceito – a auto-estima – aparece combinada com a autopercepção; para os autores acima citados autoconceito é:

“Soma total dos modos como o indivíduo se vê. Em geral, considera-se que o autoconceito tem duas principais dimensões: um componente descritivo (auto-imagem) e um componente avaliativo (auto-estima), mas na prática o termo é mais empregado para referir-se à dimensão avaliativa da autopercepção”. (p.164)

O aspecto avaliativo do autoconceito é um ponto de grande importância para a nossa análise. Gostamos ou não do que somos (ou de uma parte do que somos), e o grau em que isso se dá é medida de nossa auto-estima. Um alto nível de auto-estima corresponde a um sentimento de aprovação geral do que percebemos de nós, e o oposto corresponde a um baixo nível de auto-estima. O conjunto de tudo que alguém desejaria e gostaria de ser é chamado de eu ideal e quando comparamo-nos com ele é que experimentamos sentimentos de insatisfação pessoal.

Doron e Parot (1988), por sua vez, definem o autoconceito da seguinte maneira:

“Representação de si mesmo no sistema de conhecimento do indivíduo. Essa representação é equivalente a uma estrutura cognitiva provavelmente complexa, que intervém no tratamento das informações que provém, ou do ambiente social do indivíduo ou de seu próprio comportamento. O autoconceito serve para organizar a informação nova que diz respeito a si mesmo. Ele implica regras de inferências, julgamentos, codificação... assim com predição e planejamento dos comportamentos futuros”. (p. 132)

É através da organização de experiências em um todo compreensível e coerente que atingimos o autoconceito como sistema cognitivo coerente e estável. À semelhança de todos os sistemas cognitivos, o autoconceito seleciona a aceitação de novas experiências de acordo com uma estrutura de referência, formada a partir de experiências passadas e dos padrões externos. De acordo com Rangé (1998) o autoconceito desta maneira, está sujeito a todo tipo de percepção falha e distorções na compreensão de experiências, como qualquer sistema cognitivo.

Se compusermos as definições apresentadas e agruparmos seus aspectos de inclusão para um panorama geral de autoconceito contemplando a percepção da forma física, da consciência do próprio comportamento e da interação com os outros e com o ambiente é que poderemos compreender a complexidade do autoconceito.

Neste trabalho incidi-se sobre o autoconceito físico definido por Estevão e Almeida (1999) como *“o conjunto de percepções e avaliações que o indivíduo pensa possuir ao nível de sua aparência física”* (p.115).

Para a definição de autoconceito físico adotada encontra-se uma estreita relação com a imagem corporal, uma vez que esta, com todas as suas dimensões, na fase da adolescência é de extrema importância pelo fato de que, segundo Osório (1991), os adolescente, principalmente as adolescentes (adolescentes do sexo feminino) normalmente apresentam uma relação complexa e confusa com o seu próprio corpo.

A adolescência é uma etapa na qual a preocupação com o próprio corpo passa ao primeiro plano. Muitos adolescentes expressam descontentamento a respeito de seus traços físicos e a maioria desejaria mudar alguns deles, destaca Fierro (1995). Os primeiros aspectos dessa preocupação referem-se a própria eficiência ou então ao atrativo corporal.

A eficiência e o atrativo corporal, segundo o autor acima citado, vão constituir uma das partes mais importantes do autoconceito na adolescência. Para Fierro (1995):

“Nas adolescentes costuma-se destacar o autoconceito com o atrativo físico, enquanto nos adolescentes é destacada a habilidade, a capacidade física e a destreza nos esportes, competições e outras atividades semelhantes” (p. 297).

Nota-se que nossa sociedade preocupa-se fortemente com o desenvolvimento de determinados valores nos indivíduos que correspondem claramente ao seu sexo biológico e ao gênero, desta forma os comportamentos adquiridos na infância e desenvolvidos durante toda a vida, são determinados pelo contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Segundo Oakley apud Cunha Júnior (1996), é importante uma distinção quanto aos conceitos de gênero e sexo. O termo sexo limita-se ao aspecto biológico fêmea e macho, já o conceito gênero envolve processos sócio-culturais e psicológicos que originam e reproduzem características de feminilidade ou masculinidade. Para Sorj apud Cunha Júnior (1996), o gênero é socialmente construído, aprendido e transmitido através de gerações, no qual as mulheres se encontram numa posição subalterna.

Para a adolescente parecer mais feminina é, ainda culturalmente, um valor de alto prestígio social. De acordo com Penna (1985) o modo de parecer feminino se exprime através da voz, do rosto, da aparência, da postura, assim como da maneira pela qual a mulher está consciente da sua aparência e também do mundo e ainda da relação que essa mulher estabelece com os outros. São os fenômenos observáveis no corpo, a perspectiva própria e a relação com o outro que dão ao modo de parecer uma característica feminina ou não.

Além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo; significados estes que definem o que é o corpo de maneiras variadas (Daolio, 1995).

Belotti (1975) exemplifica uma situação onde a menina é submetida a uma posição de inferioridade em relação ao gênero no tocante aos estereótipos de feminilidade e masculinidade:

“Os garotos muitas vezes mostravam desprezo por ela, por ser fraca, e lhe apalpavam os braços para demonstrar que as meninas não valiam nada porque não

tinham músculos, e ela ficava muito humilhada com estas comparações. Até que um dia um dos garotos lhe fez um desaforo ao qual reagiu com fúria atacando-o e lutando contra ele sob os olhares do grupo, e venceu-o, jogando-o de costas por terra. A vitória encheu-a de orgulho, mas pouco durou este, pois tanto o garoto derrotado como os outros, ao invés de admira-la por sua força física como teria esperado, encontraram um jeito de humilha-la ainda mais dizendo que ela não era uma mulher, mas um homem, pois as mulheres não lutavam contra os homens” (p. 64).

No esporte a representação que se tem de feminilidade é um processo que envolve numerosos fatores como mídia, indústria da moda, patrocinadores e torcida. As representações dependem das conexões culturais existentes entre força física e o significado que isso tem segundo Simões (1996) os estereótipos de feminilidade e masculinidade resistem as mudanças culturais principalmente no esporte de competição.

O esporte é um dos maiores negócios do mundo, porém é um sistema que exige rendimento para assegurar a sua sobrevivência, pois não comporta indivíduos que não tenham capacidade atlética apurada.

A consequência da exigência é que o cultivo ao corpo, a sedução pelas metas e marcas a serem alcançadas pela musculatura transformam ou deformam o físico da mulher, que nesse mundo competitivo abre mão do que se convencionou chamar de feminilidade – passividade, ternura, obediência – em troca de agressividade, liderança, ambição, ou seja, masculinidade.

Por um outro lado, de uma outra maneira, a mulher explora a feminilidade em troca da aceitação da mulher-objeto, num sentido de submissão em relação a padrões absolutamente desvinculados das necessidades atléticas, caso queiram se manter no esporte. Exemplificamos tal fato com a edição de 16 de setembro de 2001 do caderno de esportes da Folha de São Paulo (anexo), que trazia uma matéria sobre futebol feminino, intitulada “FPF institui jogadora-objeto no Paulista” onde a Federação Paulista de Futebol, preocupada em dinamizar a modalidade e sua versão feminina, apontava como um dos seus principais objetivos para o próximo campeonato paulista feminino, o ‘embelezamento’ das atletas criando uma vitrine que, na concepção do presidente da entidade “une a imagem do futebol à feminilidade”.

Entre os principais acontecimentos do século XX está o culto ao corpo, destacado de diferentes formas, tendo em vista o meio social. Nas palavras de Simões (2002),

“O corpo trabalhador, por exemplo, desde o início do século, valoriza a robustez, a força, a força física e a resistência como símbolos de fiel labuta. Já o corpo da mulher ousa mais: em especial nas situações de gala, ostenta profundos decotes, as saias encurtam colocando as pernas a mostra, as roupas esportivas as cidades... contornam a silhueta do corpo feminino”. (p. 301)

Não houve, no esporte, um movimento feminino – menos ainda feminista – pela equalização de gênero como se pode verificar no argumento de Mourão (2000):

“O processo de apropriação do espaço esportivo pela mulher é qualitativamente diferente do processo de apropriação de outros espaços, em que é mais tensa a relação entre os gêneros, porque, propriamente, a mulher brasileira não demandou um confronto com o homem, numa redistribuição do território esportivo. Há uma ausência de movimento contestador das esportistas brasileiras, num contexto em que é o homem, em sua maioria absoluta, que comanda as federações, confederações, clubes e ligas como dirigente, técnico e árbitro”. (p. 7)

O lugar ocupado e apropriado, recentemente, pela mulher no esporte, um mundo predominantemente masculino (Rubio e Simões, 1999), marca a transformação que o corpo da mulher sofreu para ocupar esse espaço, caracterizando a transformação, também, de toda uma cultura. Como demonstram os autores acima citados:

“As primeiras atletas que participaram de uma competição olímpica em 1900 não eram a representação de um ideal de beleza ou de saúde, como visto na atualidade. Não que o esporte de alto rendimento seja sinônimo desses dois substantivos, mas, na atualidade são padrões almejados por populações de não atletas” (p. 54).

Das mulheres participantes dos Jogos Olímpicos do começo do século às mulheres atletas da atualidade, observa-se um conjunto de transformações. O corpo trabalhado da atleta, como condição

imprescindível para seu desempenho esportivo, transformou-se num padrão de beleza.

Estereótipos de feminilidade, nas sociedades atuais, partem de um paradigma heterossexual de onde emergem certas imagens já institucionalizadas dentro de um padrão de hegemonia masculina e submissão feminina.

Espera-se que homens sejam fisicamente fortes e mulheres sejam mais frágeis do que os homens. Quando homens e mulheres fogem a essa regra há uma tendência a categoriza-los como desviantes. Um homem com fragilidade física é tido como 'feminilizado', enquanto que uma mulher com força física é rotulada como 'masculinizada'.

Para participar de esportes, meninos têm que ser tradicionalmente masculinos, ou seja, fortes e agressivos. A possibilidade de a mulher fazer parte desse mundo esportivo é menor, afinal, a maioria dos esportes nunca teve como finalidade tornar a mulher mais feminina.

Em recente pesquisa Knijnik (2001) verificou que as atletas têm de si uma imagem corporal dividida entre o ideal de beleza feminina e a real necessidade de ter um corpo forte, para disputar um esporte de alto rendimento.

O esporte contribui com a legitimação ideológica de heterossexualidade: querer corresponder à imagem feminina traduzida em fragilidade; músculos pequenos, baixa estatura, características concebidas como beleza. As jovens atletas, como parte desta cultura esportiva, se inserem nesse meio, em contraposição às jovens não atletas, que parecem adotar freqüentemente como padrão de beleza o corpo-atleta.

A PESQUISA: Metodologia

TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa e quantitativa, uma vez que prevê mensuração com o objetivo de análise da frequência de ocorrência do que está sendo investigado (característica quantitativa) e a fundamentação na estratégia baseada em dados coletados em interações sociais ou interpessoais, analisadas a partir dos significados que sujeitos e/ou pesquisador atribuem ao fato, caracterizando uma pesquisa qualitativa (Chizzotti, 1998).

Compartilhamos com D'Oliveira (1984) a idéia de que é muito comum a impressão de antítese entre a pesquisa qualitativa e quantitativa e que na realidade em ambas há um grau de abstração, de subjetividade.

Embora haja tendência a enfatizar as diferenças entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, não se deve concluir que não existem (ou não deveriam existir características quantitativas em um estudo qualitativo, e vice-versa). Segundo Nelson e Thomas (2002), *“realmente, a pesquisa qualitativa pode utilizar uma ampla gama de análises quantitativas, das simples tabelas de frequência, até as técnicas estatísticas multivariadas”*.

PARTICIPANTES

O grupo de participantes investigado se constitui de 10 atletas das modalidades de voleibol, futebol e natação, do sexo feminino, com idade entre 13 e 15 anos. Consideramos atletas aquelas que num período de pelo menos duas horas por dia (10 horas semanais) realizam exercício

físico organizado e orientado com o objetivo de competição estando participando de uma equipe de treinamento a pelo menos dois anos.

Também constituem o grupo de participantes desta pesquisa 10 jovens não atletas, ou seja, não praticantes de exercício físico organizado e orientado com o objetivo de competição e não pertencentes a uma equipe de treinamento, também do sexo feminino com idade entre 13 e 15 anos.

As participantes desta pesquisa foram escolhidas de maneira não-aleatória de acordo com Campos (2000), uma vez que todos os elementos da população não possuíam a mesma probabilidade estatística de serem incluídos na pesquisa.

A forma de seleção das participantes desta pesquisa caracteriza-se ainda, segundo o autor citado acima, por uma amostra acidental na qual as participantes foram determinadas acidentalmente, ou seja, foram selecionadas para participarem desta pesquisa, as adolescentes atletas e não atletas que se disponibilizaram (porque queriam) a participar.

Para a participação efetiva das adolescentes era condição necessária a entrega da carta de consentimento assinada pela própria adolescente e por seu responsável. Com o objetivo de manutenção dos aspectos éticos desta pesquisa exclusivamente participaram as adolescentes que efetivamente devolveram a carta de consentimento com a autorização de seu responsável e por ela mesma assinada.

Compartilhamos com D'Oliveira (1984) a opinião de que um sujeito humano de uma pesquisa deve ser visto, antes de tudo, como um colaborador e, como tal, objeto de toda consideração e honestidade que uma relação humana requer.

INSTRUMENTO UTILIZADO

Com o intuito de concretizar os objetivos deste estudo as informações foram obtidas através do instrumento de coleta de dados por nós organizado, composto de quatro partes: A – Satisfação com as proporções atuais do corpo; B – Suas insatisfações; C – Proporções corporais idealizadas e D – Questionário (contendo três perguntas).

As três primeiras partes (A, B e C) foram elaboradas com base no instrumento desenvolvido por Penna (1989) que em seu estudo faz uma reflexão sobre a identidade feminina, relacionando-a com o cargo profissional e com a atividade profissional que estudantes universitárias desenvolvem com foco na feminilidade, na representação social da mulher e na promoção de qualidade de vida para esta população.

As partes A, B e C do instrumento de coleta de dados caracterizam-se como escalas, uma vez que segundo Lakatos e Marconi (1996) a escala é um instrumento científico de observação e mensuração dos fenômenos sociais, com a finalidade de medir a intensidade das atitudes e opiniões na forma mais objetiva possível.

Mais especificamente, A e C são denominadas pelos autores acima como escalas ordinais, onde há maior definição indicando a posição relativa de objetos ou indivíduos com relação a alguma característica, sem nenhuma conexão quanto à distância entre as posições. Denomina-se escala de ordenação do tipo de classificação direta, segundo Ander-Egg apud Lakatos e Marconi, a parte B (Suas insatisfações) do instrumento de coleta de dados, uma vez que é a escala em que o indivíduo organiza determinada característica, objeto ou pessoa pela ordem de preferência.

Para uma melhor compreensão e melhor possibilidade de interpretação do autoconceito justificamos o uso do questionário como componente do instrumento de coleta de dados com a afirmação de Thorndike e Hangen (1973) de que o questionário, "... constitui um recurso útil na obtenção de informações sobre a história de um indivíduo". (p. 31).

O instrumento aplicado nas adolescentes segue posteriormente:

Este instrumento faz parte de uma pesquisa sobre o autoconceito de jovens, do sexo feminino, atletas e não atletas. Para que o estudo obtenha sucesso é importante que as respostas sejam individuais e que você responda com atenção, lembrando que não há boas ou más respostas, dado que cada um difere bastante do outro e que o que é importante neste estudo é o que você sente e sabe sobre você mesma.

Sua participação será fundamental e todos os dados serão absolutamente sigilosos na realização deste trabalho.

Desde já agradeço a sua colaboração.

Obrigada.

Data de nascimento: _____ / _____ / _____

Grau de escolaridade:

Ensino Fundamental 1º Ciclo série: _____

Ensino Fundamental 2º Ciclo série: _____

Ensino Médio série: _____

(Campos abaixo somente para preenchimento das atletas)

Esporte que pratica: _____

Ano em que começou a praticar sistematicamente o esporte: _____

A – Satisfação com as proporções atuais do corpo

A seguir você encontrará uma relação de diversas áreas do seu corpo. Considere o quanto você está ou não satisfeita com o tamanho destas áreas. Responda fazendo um círculo ao redor do número que representar o seu grau de satisfação com a área mencionada.

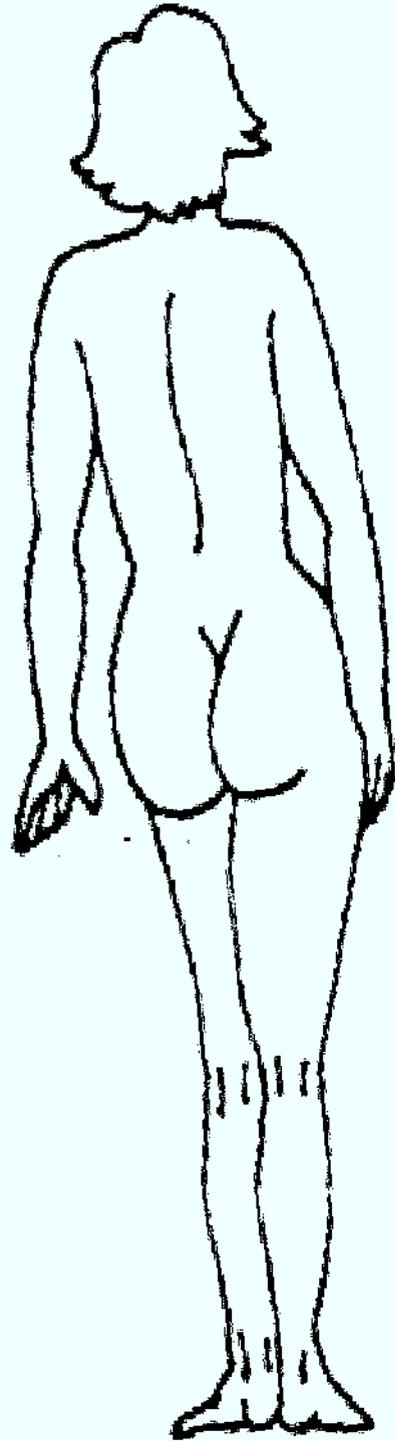
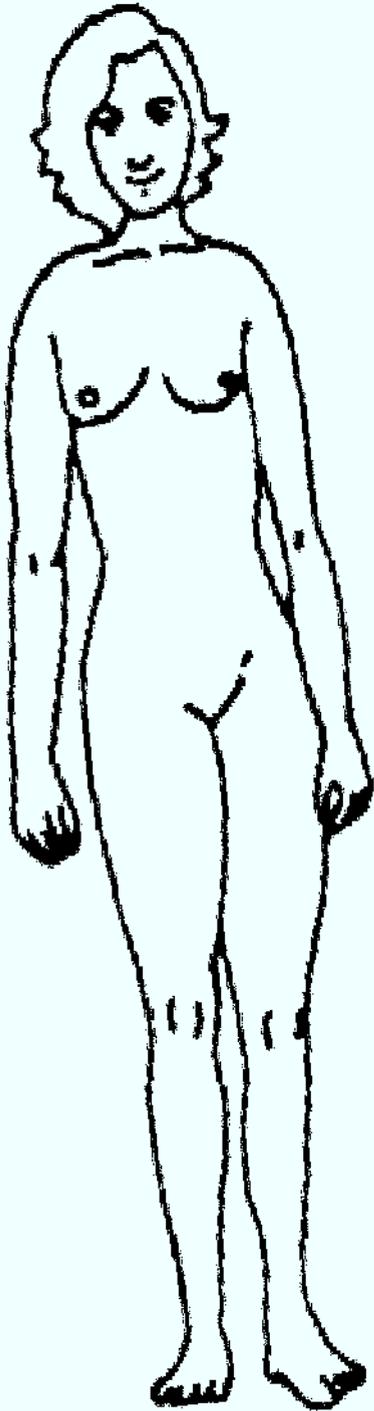
Escolha segundo a escala abaixo:

<u>Insatisfação</u>							<u>Satisfação</u>	
1	2	3			4	5		
muito	pouco	nem um nem outro			pouco	muito		
Altura		1	2	3	4	5		
Peso		1	2	3	4	5		
Cabeça		1	2	3	4	5		
Boca		1	2	3	4	5		
Nariz		1	2	3	4	5		
PESCOÇO		1	2	3	4	5		
Ombros		1	2	3	4	5		
Braços		1	2	3	4	5		
Mãos		1	2	3	4	5		
Busto		1	2	3	4	5		
Cintura		1	2	3	4	5		
Quadris		1	2	3	4	5		
Coxas		1	2	3	4	5		
Panturrilhas ("Barriga da perna")		1	2	3	4	5		
Tornozelos		1	2	3	4	5		
Pés		1	2	3	4	5		

B – Suas insatisfações

Primeiramente faça um X nas áreas dos desenhos que correspondem às partes do seu corpo que você menos aprecia, numere cada X. Depois, escreva, no número correspondente o nome da área selecionada (abaixo do número) e no espaço ao lado do número por qual motivo você gosta menos ou não gosta de tais partes. Você deve preencher o total de campos que você menos aprecia ou não gosta, sem se preocupar em preencher todos os campos ou a maioria deles.

<u>Desta parte</u> do meu corpo	<u>não gosto porque:</u>
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	



C – Proporções corporais idealizadas

Como você desejaria que fosse o tamanho ideal dessas áreas? Marque com um X na coluna correspondente a sua escolha.

<u>O TAMANHO IDEAL</u>			
<u>DEVERIA SER:</u>			
	Menor que o atual	Igual ao atual	Maior que o atual
Altura			
Peso			
Cabeça			
Boca			
Nariz			
Pescoço			
Ombros			
Braços			
Mãos			
Busto			
Cintura			
Quadril			
Coxas			
Panturrilha ("Barriga da perna")			
Tornozelos			
Pés			

D – Questionário

1. Escreva quais são para você, as características ideais do corpo feminino? (Isso se para você existem ideais de características para o corpo feminino)

2. Da questão anterior, quais características você considera ter?

3. Quais as características que você acha que as outras pessoas percebem em você?

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

As participantes atletas deste estudo foram contatadas em clubes e em associações de treinamento que desenvolvem sistematicamente as modalidades esportivas de voleibol, futebol e natação, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Já as participantes não atletas foram contatadas em uma escola privada da mesma cidade do interior do estado de São Paulo.

A coleta de dados foi realizada no ambiente de treinamento das atletas e nas escolas, no final do horário de aula, no caso das não atletas. Em ambos os casos houve a autorização dos responsáveis pelas adolescentes e pelas próprias adolescentes através da carta de consentimento (anexo), assim como a autorização prévia dos locais de coleta de dados (clubes, associações de treinamento e escola).

O procedimento de coleta de dados se caracterizou por etapas que serão aqui definidas como: contato com os clubes, associações de treinamento esportivo e escola, contato com as possíveis participantes da pesquisa com o objetivo de comunicar a natureza da pesquisa e também entregar a carta de consentimento e uma última etapa de aplicação do instrumento de coleta de dados após o recebimento das cartas de consentimento devidamente assinadas.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

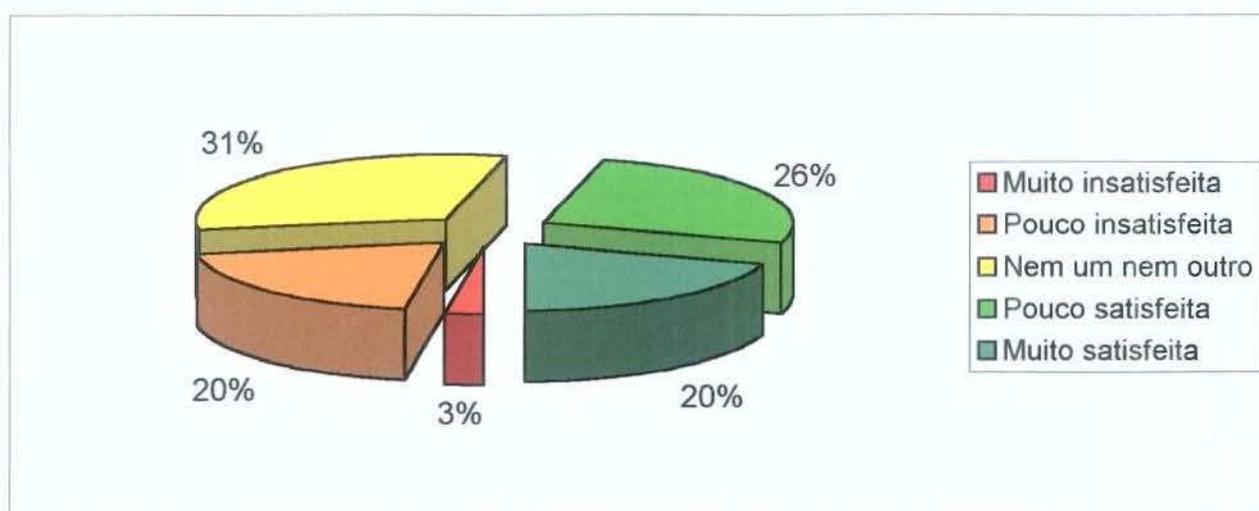
Após termos procedido as etapas até aqui descritas foi possível elaborar Figuras e Tabelas que contemplam as questões-chave das escalas A, B e C e da parte D (questionário) do instrumento de coleta de dados.

Apresentaremos a seguir os dados coletados com as participantes **não atletas** desta pesquisa.

Como mostra a **Figura 1**, em relação ao nível de satisfação/insatisfação com as proporções atuais do corpo, as jovens **não atletas**, apresentam-se satisfeitas, uma vez que as escolhas muito satisfeita e pouco satisfeita compõem a característica geral de satisfação.

Verificamos que há uma expressiva variação (17%) entre os níveis de insatisfação, o que não ocorre com os níveis de satisfação que apresentam uma pequena variação relativa de seis pontos percentuais.

Figura 1. Níveis de insatisfação/satisfação de não atletas com relação às proporções atuais do corpo



Há uma menor expressão relativa das possíveis escolhas de insatisfação (muito insatisfeita, 3% e pouco insatisfeita, 20%) em relação à escolha nem um nem outro (31%) e também em relação às escolhas para satisfação (pouca satisfação, 26% e muita satisfação, 20%).

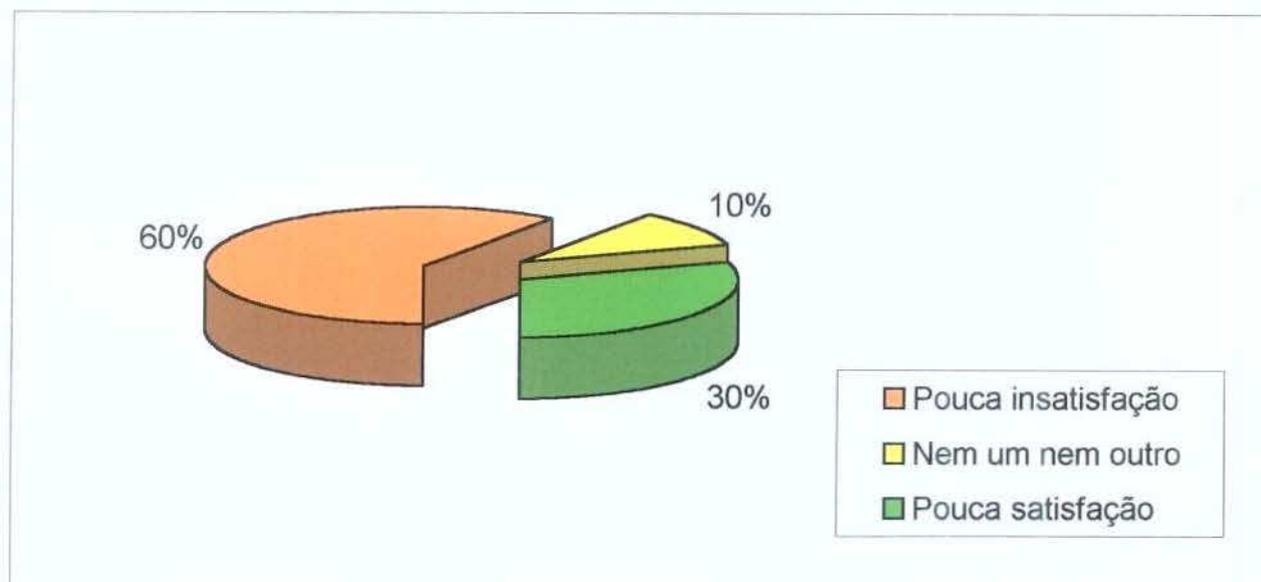
Desta maneira, a predominância relativa de resultados de satisfação nos possibilita dizer que as jovens **não atletas** apresentam um autoconceito físico positivo.

Destacamos para melhor compreensão dos dados que os resultados anteriormente apresentados referem-se ao total encontrado para cada possibilidade de escolha, ou seja, a frequência relativa total para todo conjunto de proporções corporais apresentadas para muita insatisfação, para pouca insatisfação, para a escolha nem um nem outro, para pouca satisfação e para muita satisfação.

Mesmo permitindo a inferência de que as **não atletas** apresentem um autoconceito físico positivo avaliamos também que para determinadas proporções corporais apresentadas às participantes, podemos verificar um resultado diverso do que mostra a **Figura 1**.

Quando observadas isoladamente para cada proporção corporal há uma expressão de frequência variada, ou seja, para cada proporção apresentada coletamos diferentes dados. Exemplificamos tal fato com a **Figura 2** apresentada a seguir:

Figura 2. Níveis de insatisfação/satisfação de não atletas com relação à proporção coxa.



Para a proporção coxa temos uma variação entre as escolhas, pouca insatisfação, nem um nem outro e pouca satisfação. Não aparecem para esta proporção freqüências de escolhas de muita insatisfação e pouca insatisfação.

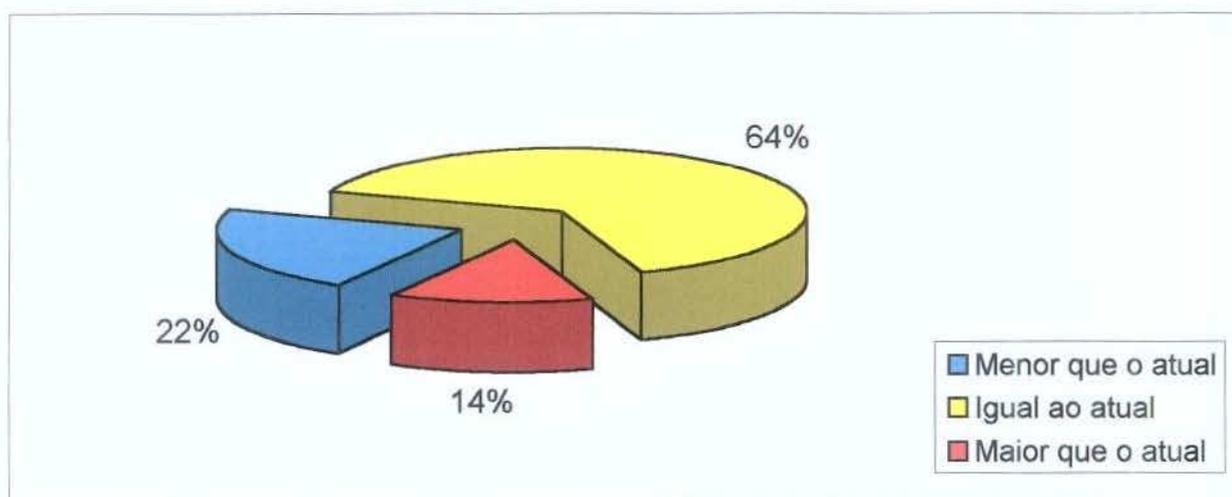
Verifica-se que para a coxa a porcentagem de insatisfação é maior do que a porcentagem de escolha neutra (nem um nem outro 10%) e que a porcentagem de escolha pouca satisfação (30%). Ocorreram 60% de escolhas para insatisfação em relação à proporção coxa a maior obtida através da escala A para as **não atletas**.

Para a coxa verifica-se uma inversão em relação ao nível de insatisfação/satisfação: se no geral (**Figura 1**) temos uma porcentagem significativa de escolhas de satisfação, nesse caso encontramos escolhas, significativamente maiores, de insatisfação.

Prosseguindo com a análise isolada de cada uma das proporções corporais apresentadas verificamos que não há valores significativos para a escolha de muita insatisfação, para as **não atletas**, uma vez que do total de 16 proporções corporais somente quatro forma assinaladas para muita insatisfação, e mesmo assim por uma única vez.

Os dados coletados como autoconceito físico ideal, pela escala C (proporções corporais idealizadas) para as **não atletas** apresentam-se de acordo com a **Figura 3**:

Figura 3. Proporções corporais idealizadas por **não atletas**.



Com a representação da **Figura 3**, que proporciona contato com o autoconceito ideal, podemos verificar que há um certo grau de idealização em geral, superior para as menores proporções, ou seja, as adolescentes **não atletas**, em geral desejam que as suas proporções corporais sejam menores. Existe uma diferença de oito pontos percentuais entre as

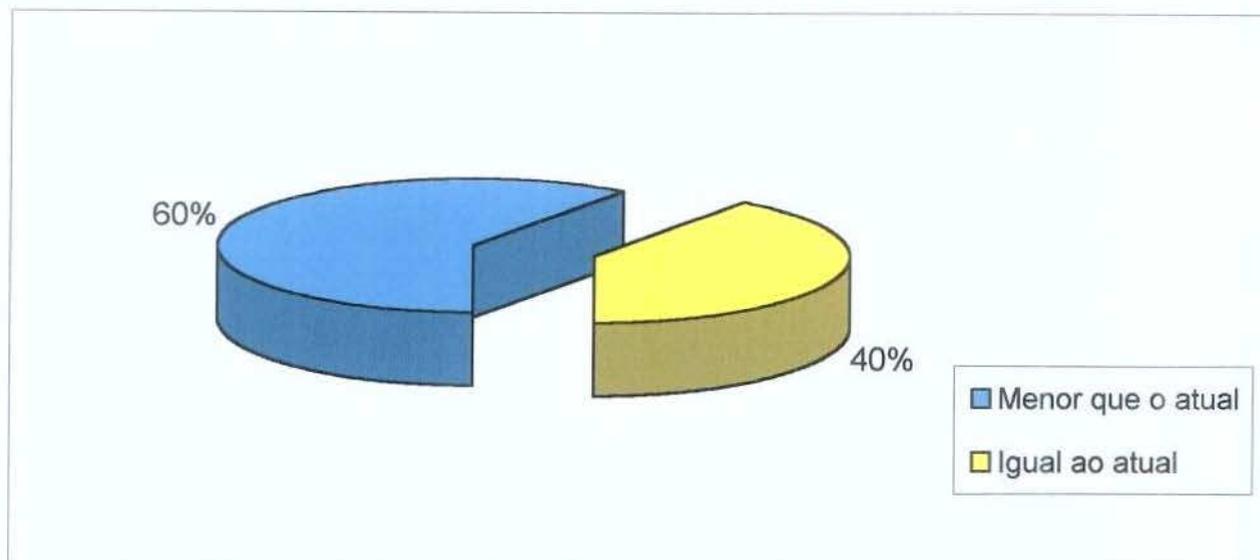
idealizações de proporções menores (22%) e a idealização de proporções corporais maiores (14%), porém, parece-nos que não há um ideal de proporções concretizado para as adolescentes **não atletas** pesquisadas, já que a idealização que aparece com maior freqüência, com um resultado relativo de 60%, é a de manutenção das proporções em tamanhos iguais aos que existem atualmente.

É possível avaliarmos o conjunto autoconceito real e autoconceito ideal para as jovens **não atletas**: não há desencontro entre as escalas A e C, ou seja, na escala A obtivemos como resultado uma maior freqüência de satisfação, um decorrente autoconceito positivo e na escala C o que percebemos é a idealização de manutenção das proporções corporais no que diz respeito aos seus tamanhos, num sentindo aparente de manutenção das próprias satisfações.

Da mesma maneira que na escala A, quando representamos isoladamente cada proporção corporal da escala C, encontramos diferenciações. As mais significativas diferenciações encontradas são para as proporções: peso (como demonstra a **Figura 4**), altura (**Figura 5**) e coxa (**Figura 6**).

Para a proporção peso nota-se uma diferenciação em relação ao escore geral relativo, representado na **Figura 3** em que há uma maior porcentagem de escolhas (60%) para a manutenção das proporções corporais, em relação as escolhas de diminuição das proporções (22%) e aumento das proporções (14%).

Figura 4. Proporção “peso” idealizado por não atletas.



Para as participantes **não atletas** desta pesquisa o peso é idealizado como menor que o atual, ou seja, menor do que realmente é de acordo com a **Figura 4** que representa que 60% das **não atletas** desejariam que seu peso fosse menor do que o atual.

Considerando novamente as definições de autoconceito apresentadas, nos lembraremos das questões que permeiam a definição do autoconceito como organização de experiências num processo de aprendizagem social, contendo aspectos avaliativos e descritivos. Desse modo, pode-se considerar que o desejo em pesar menos do que atualmente se pesa, vem carregado culturalmente de informações, experiências, avaliações, enfim, de estereótipos.

Por exemplo, Giuliano (2000) cita que:

“ A boneca Barbie se tornou a figura feminina mais popular no mundo moderno, propagando estereótipos do

ideal americano de beleza e é a hiperfeminilidade concebida desta maneira pela boneca, inspirada no corpo das belas modelos que leva homens e mulheres a transformarem seus corpos”.

Nós, brasileiros, na falta de Barbies fidedignas temos Giseles, Carlas, Joanas e enfim, Marias... Mas temos também Hortências, Paulas e Virnas.

Para a proporção altura as **não atletas** apresentaram predominância significativa de um ideal maior que o atual (representada na **Figura 5**), sendo que das 16 proporções apresentadas somente sete foram assinaladas com o ideal de maior que o atual, tendo expressão significativa também a proporção coxa, representada isoladamente na **Figura 6**.

Figura 5. Proporção altura idealizadas por não atletas.

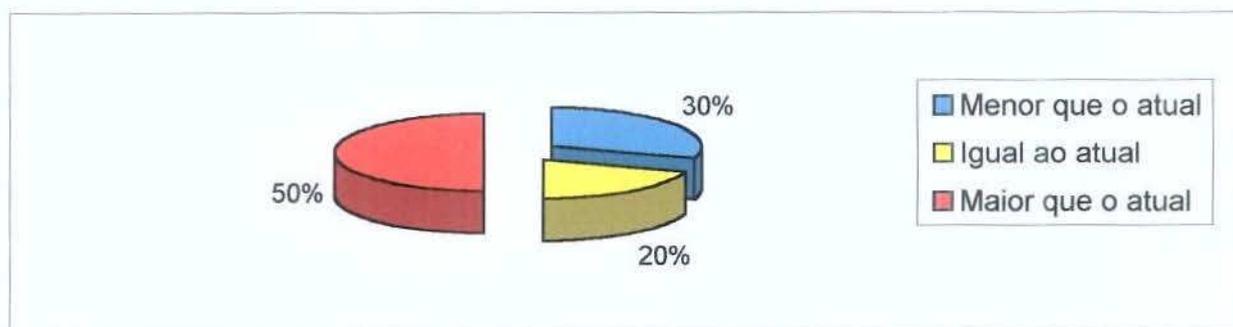
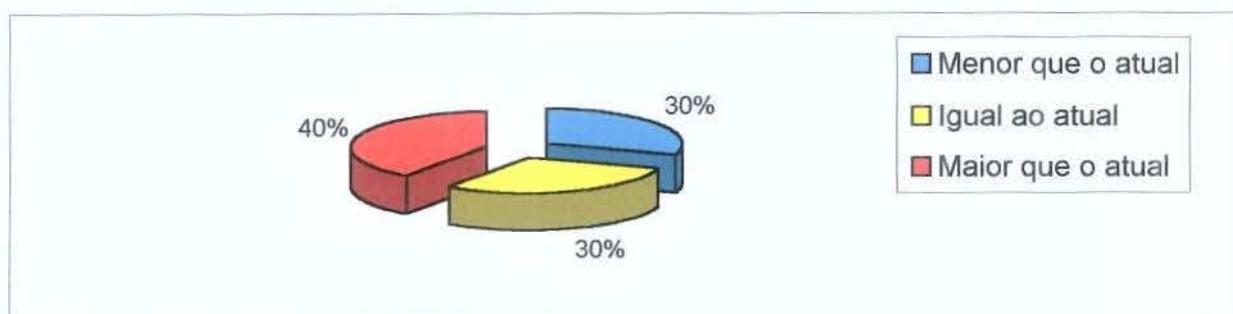


Figura 6. Proporção coxa idealizada por não atletas.



Da mesma maneira que há um ideal de peso menor que demanda de um contexto, há um ideal de altura maior, estereótipo construído culturalmente de que a expressão do corpo feminino é unicamente bela se alta e magra.

Os dados coletados com a escala B serão expostos a seguir pela **Figura 7**:

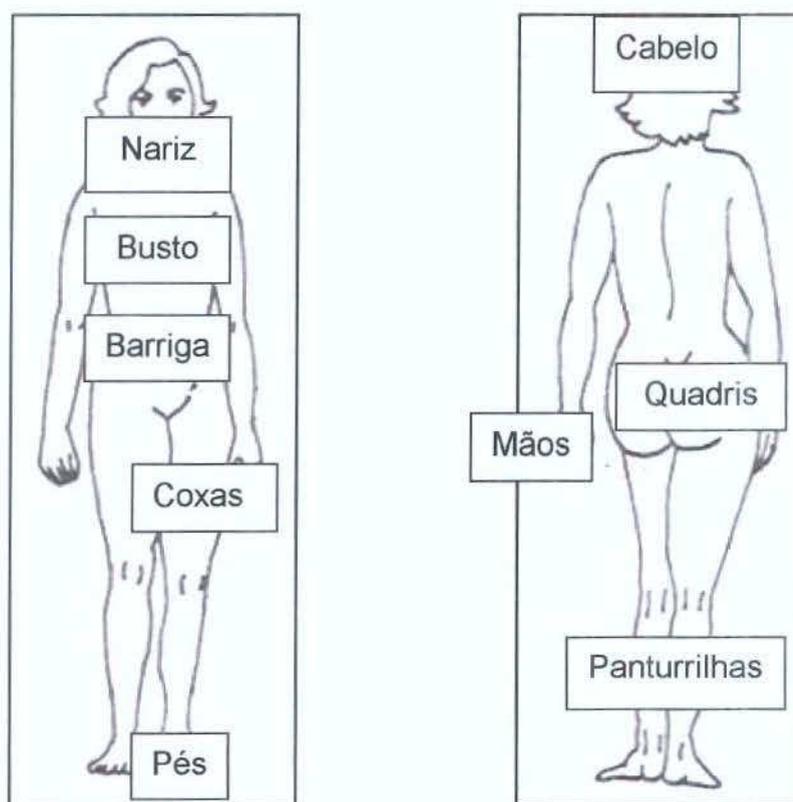


Figura 7. Insatisfações das não atletas com relação a partes do seu corpo.

Para as **não atletas**, de acordo com a **Figura 7** as insatisfações se concentram com expressão nas áreas destacadas e nomeadas.

Observando a **Tabela 1** a seguir podemos encontrar as justificativas por não gostarem ou gostarem menos de tais partes.

Tabela 1. Insatisfações das **não atletas** com relação ao seu corpo.

Partes selecionadas	Freqüência relativa	Justificativa (não gosto porque...)
Cabelo	20%	é Armado, encaracolado.
Nariz	10%	é Grande
Busto	40%	é Pequeno
Barriga	40%	é Flácida
Coxas	50%	são Flácidas, finas.
Mãos	10%	é Grande
Pés	40%	são Grandes e feios
Panturrilhas	20%	é Fina
Quadris	20%	é Grande, largo.

É importante percebermos a presença de concepções estéticas com relação ao rosto, cabelo e pés para as **não atletas** que delimitam um padrão, desde a escala A.

A preocupação com o cabelo e com o rosto delimita claramente o contexto de relação e envolvimento com o próprio corpo. O falar do corpo para as **não atletas** aparenta o falar da estética, da beleza, já que o feminino é uma condição, porque segundo Blay (2002), são as relações sociais (do meu corpo com o corpo do outro) que constroem historicamente os caminhos que devem ser seguidos por homens e mulheres, são as relações que constroem caminhos e padrões.

A característica flacidez citada para as proporções barriga e coxa pode indicar o olhar para o corpo-atleta como ideal para estas proporções.

A colocação da proporção coxa novamente como insatisfação, com a justificativa de esta ser uma proporção fina e flácida, esse dado pode nos

fornecer base para a conclusão de que as **não atletas** buscam de alguma maneira a forma do corpo atleta, pelo menos de partes dele.

Seguindo a apresentação dos dados fornecidos pelas participantes **não atletas** desta pesquisa, a **Tabela 2** representa os dados obtidos pela questão 1 do questionário (parte D do instrumento de coleta de dados):

Tabela 2. Levantamento das características ideais do corpo feminino para as **não atletas** (questão 1 do questionário).

D – Questionário	
1. Características ideais do corpo feminino (se é que existem)	
Respostas	Freqüências Relativas
Não existe um ideal de características do corpo feminino	70%
Busto médio	20%
Pernas delicadas, porém firmes.	30%
Braços delicados	20%
Cintura marcada	30%
Estatura acima da média (maior que 1, 60 metros).	20%
Corpo magro e sem musculatura aparente	20%
Pele bem cuidada	10%
Não pode ter barriga	10%
Rosto delicado	20%

Para a segunda questão do questionário os dados coletados são, de acordo com a **Tabela 3**:

Tabela 3. Levantamento das características ideais que as **não atletas** consideram ter.

D – Questionário	
2. Características ideais que considera ter	
<i>Respostas</i>	Frequências relativas
<i>Não responderam</i>	40%
<i>Busto médio</i>	20%
<i>Perna firme, porém delicada.</i>	30%
<i>Cintura marcada</i>	10%
<i>Rosto delicado</i>	30%
<i>Estatura</i>	20%

Destacamos que as **não atletas** que não responderam a esta questão justificaram sua escolha por não acreditarem que existam características ideais do corpo feminino (questão 1).

Para a primeira questão 70% das **não atletas** manifestaram a resposta de que não existem características femininas ideais, porém 30% destas **não atletas** apresentaram na segunda questão características ideais que consideram ter, mesmo não tendo respondido a primeira questão. Todas as participantes que não responderam a segunda questão (40%) responderam a primeira questão com a colocação de que não existem características femininas ideais, como demonstramos a seguir com uma das respostas encontradas para a questão 1:

“Para mim, a menina (ou mulher) tem que se sentir bonita tendo o corpo e as características que tiver. É claro que muitas vezes a menina não se sente bonita, pois se compara com mulheres ‘perfeitas’. Eu acho que ela tem que gostar de si mesma e se sentir saudável. Se tiver um corpo saudável, sem problemas, ela pode se sentir bem. Um corpo saudável para mim é o ideal”. (Resposta dada a questão 1 do questionário por uma das participantes **não atleta** desta pesquisa)

Ou de maneira semelhante:

“Não existe característica ideal de corpo feminino. Cada um tem um gosto diferente, o que é ideal para uma pessoa pode não ser para outra, e daí se há diferença não há um ideal de características” (Resposta dada à questão 1 do questionário por uma das participantes **não atleta** desta pesquisa).

De uma outra maneira, encontramos para a questão 1 respostas que exemplificam ideais e estereótipos e que se complementam na questão seguinte (questão2), como por exemplo, as respostas de uma mesma participante **não atleta** registradas a seguir:

“As características ideais do corpo feminino são: busto, que não seja pequeno, ou seja, tudo de tamanho médio. Nada pode ser muito grosso ou musculoso, nem pode ser gordo. Cintura, quadris e principalmente pernas e braços devem ser finos para serem delicados como uma mulher feminina deve ser. Um ideal de corpo feminino é

mais ou menos uma Sandy!” (Resposta dada à questão 1 por uma não atleta).

Resposta à questão 2 da participante **não atleta** cuja resposta à questão 1 foi anteriormente registrada: *“São poucas as características que eu considero ter, mas tenho um busto médio (não é pequeno). Só a minha panturrilha e minha coxa é que são durinhas – um pouco quando estou de pé – mas não são musculosas. Enfim, não tenho nada de Sandy”.*

Para a terceira questão encontramos uma frequência de 40% de adolescentes **não atletas** que não responderam a questão, assim como aconteceu na segunda questão, sendo que essas adolescentes haviam respondido na primeira questão que não existem características idéias de corpo feminino. A relação de respostas e suas frequências são demonstradas pela **Tabela 4**:

Tabela 4. Levantamento das características que não atletas acham que outras pessoas percebem nelas.

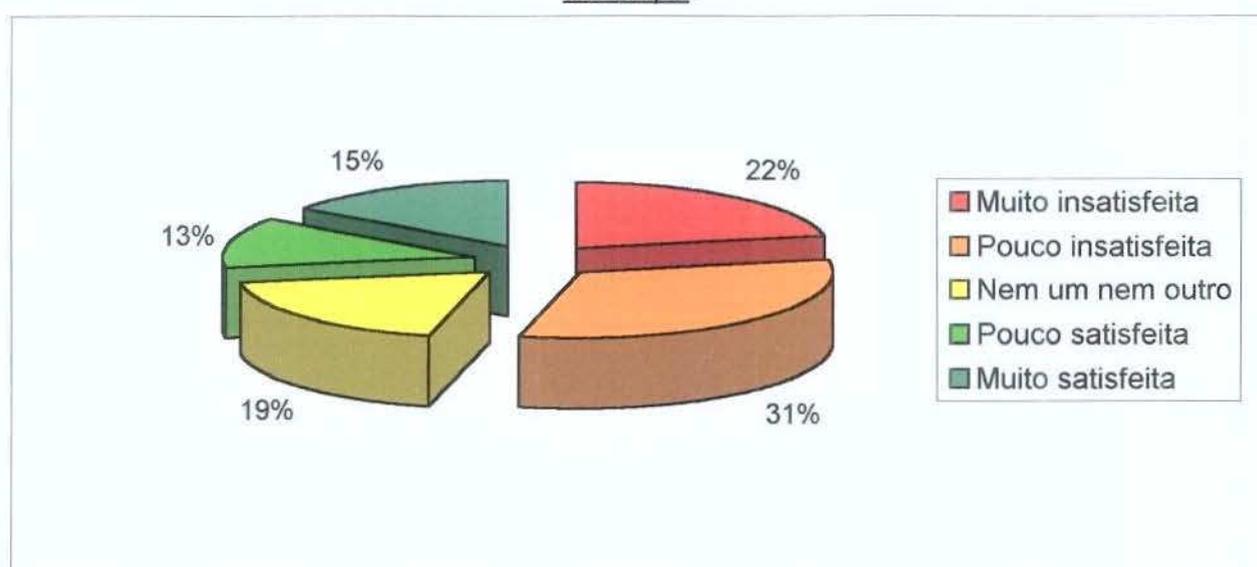
D – Questionário	
3. características que você acha que outras pessoas percebem em você	
Respostas	Frequência relativa
<i>Não responderam</i>	40%
<i>Altura</i>	40%
<i>Pernas delicadas, firmes.</i>	20%
<i>Busto médio</i>	20%
<i>Rosto delicado</i>	60%
<i>Boca</i>	10%

Para possibilitar a avaliação do autoconceito real e idealizado nas jovens **atletas** e ainda para que seja possível a comparação entre o conjunto autoconceito real e autoconceito idealizado primeiramente das jovens **não atletas** e posteriormente destas em relação às jovens **atletas** apresentamos a seguir os dados obtidos com as participantes **atletas** desta pesquisa e suas análises.

Para a escala A, como demonstra a **Figura 8** observamos uma significativa freqüência das escolhas de insatisfação, sendo que 22% das **atletas** estão muito insatisfeitas com as proporções atuais do corpo e 31% pouco insatisfeitas.

Se considerarmos as escolhas de insatisfação como uma só, encontraremos uma freqüência de 53% de nível geral, para as **atletas**, de insatisfação. A freqüência de insatisfação para as **atletas** é maior que a freqüência de satisfação que se apresenta com 13% para pouca satisfação e 15% para muita satisfação.

Figura 8. Níveis de insatisfação/satisfação de **atletas** com relação às proporções atuais do corpo.



A partir deste primeiro dado podemos inferir que o autoconceito físico das **atletas** é negativo já que há uma representatividade significativa de insatisfação com relação às proporções atuais do corpo. Podemos ainda comparar este resultado com o resultado das adolescentes **não atletas** que apresentam evidências de um autoconceito positivo.

Atletas estão freqüentemente expondo seus corpos e para elas, mais do que para qualquer outra pessoa o corpo é um ente, como coloca Knijnik (1999). O corpo “ente” enxerga a si e aos outros, mas especificamente para atletas ao mesmo tempo ele é visto e enxergado.

Assim, a **atleta** ao condicionar o seu corpo as exigências do rendimento esportivo e ao exibir este corpo, realiza um movimento dialético: influencia e forma opiniões sobre a identidade atlética, mas ao mesmo tempo a sua imagem, o seu conceito de si mesma pode ser formada pelo contexto.

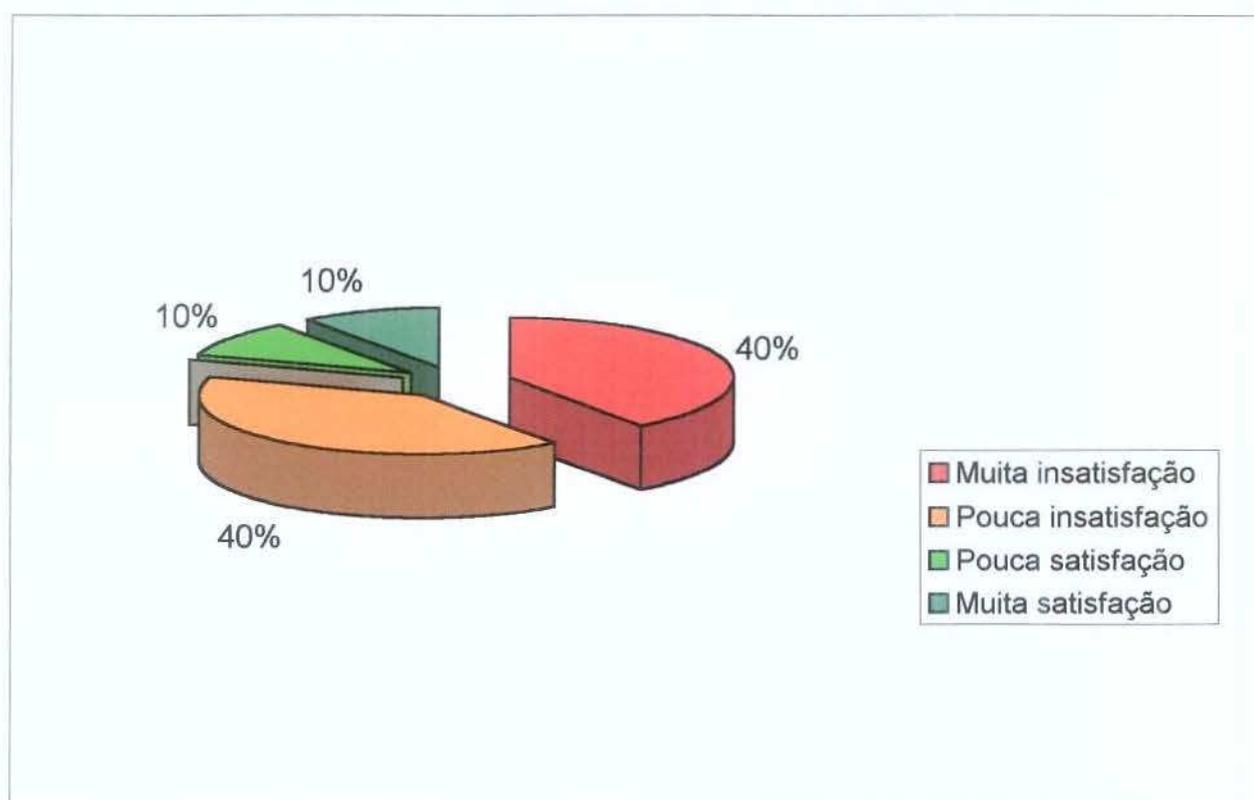
É necessário retornarmos mais uma vez para as definições de autoconceito. Aceitando a idéia de diferenciação de um si mesmo corporal, um si mesmo psíquico e um si mesmo social/moral podemos inferir que a exposição corporal para a **atleta**, assim como o estar inserida em um contexto tão corporal como é o esporte demanda de um maior movimento de reflexão e crítica sobre o seu próprio corpo, afinal, quantas não são as vezes em que em um dia de treinamento a atleta é instigada e obrigada a prestar atenção em seu corpo, em suas ações motoras? E quantas não são as vezes que alguém já tinha atentado para este corpo-atleta afim de orienta-lo, corrigi-lo, para que melhorasse?

Quando observamos isoladamente o resultado de freqüência para determinadas proporções corporais podemos verificar que existe

realmente um nível significativo de insatisfação em relação à proporção corporal atual de **atletas**.

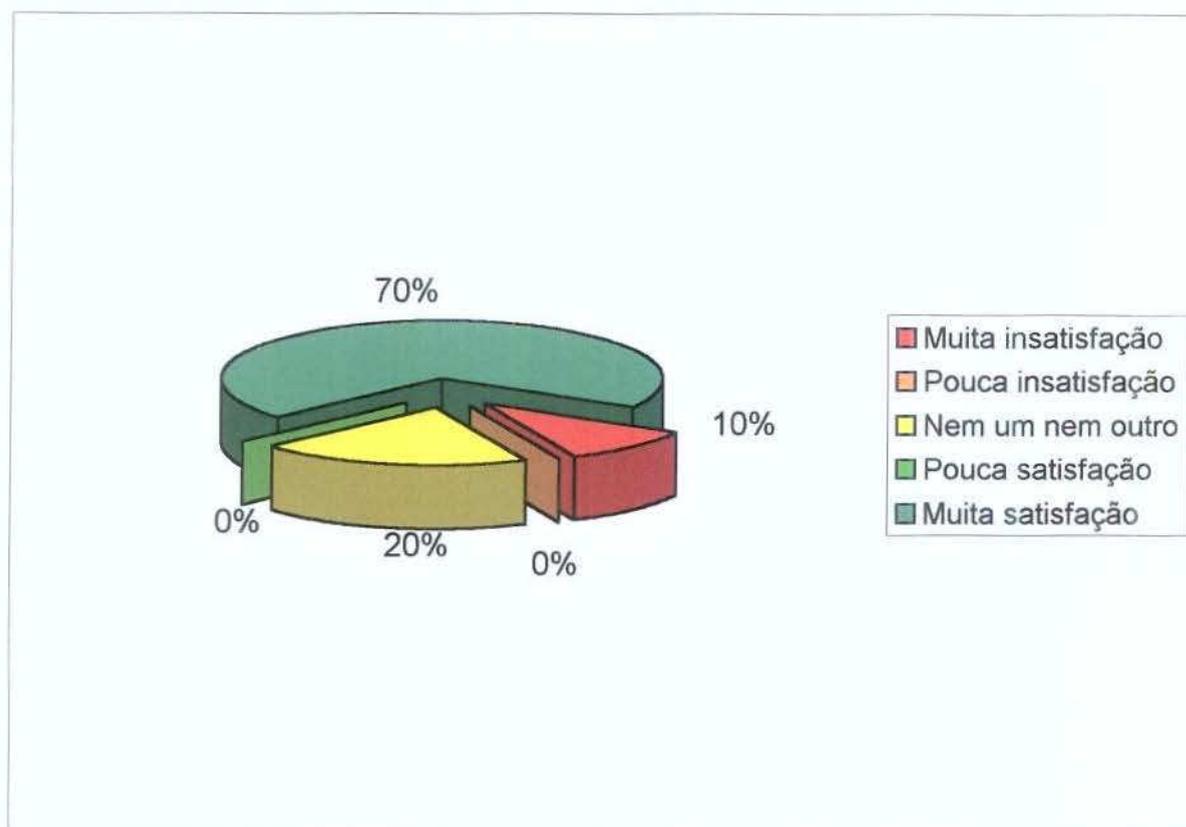
Como demonstra a **Figura 9** para a proporção coxa encontramos as seguintes freqüências para os níveis de satisfação ou insatisfação:

Figura 9. Níveis de insatisfação/ satisfação das **atletas** com relação à proporção coxa.



Há para as **atletas**, em uma observação isolada, uma única significativa freqüência para o nível de muita satisfação na proporção pescoço, de acordo com a representação da **Figura 10**:

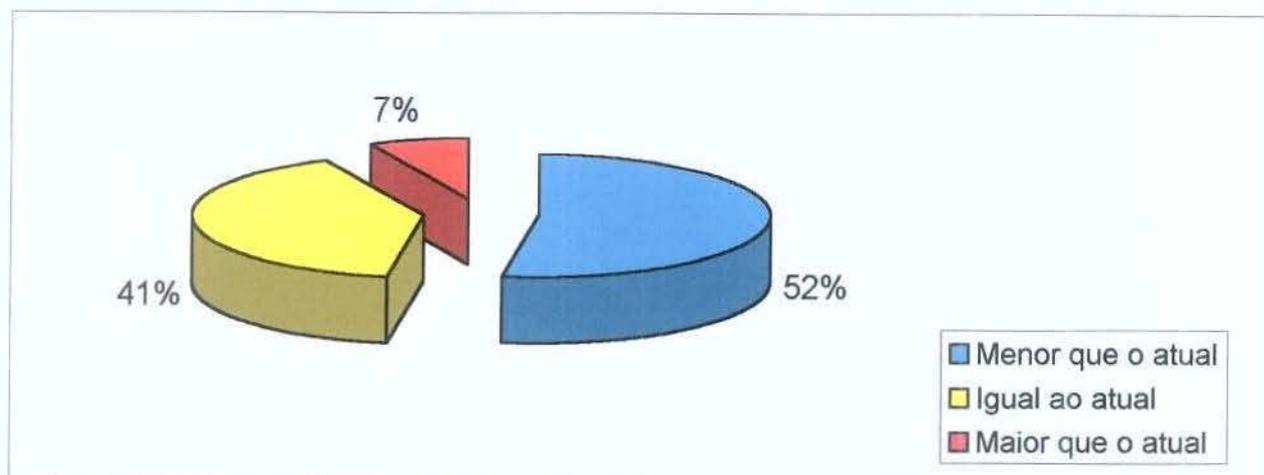
Figura 10. Níveis de insatisfação/satisfação de **atletas** com relação à proporção pescoço.



A proporção pescoço é a única proporção que se apresenta com significativa frequência de satisfação, sendo que 70% das **atletas** pesquisadas estão satisfeitas com esta proporção e apenas ocorre uma frequência de 10% no nível de insatisfação.

Para a avaliação do autoconceito físico idealizado apresentamos a representação gráfica (**Figura 11**) da escala C para as **atletas** participantes desta pesquisa.

Figura 11. Proporções idealizadas por **atletas**.

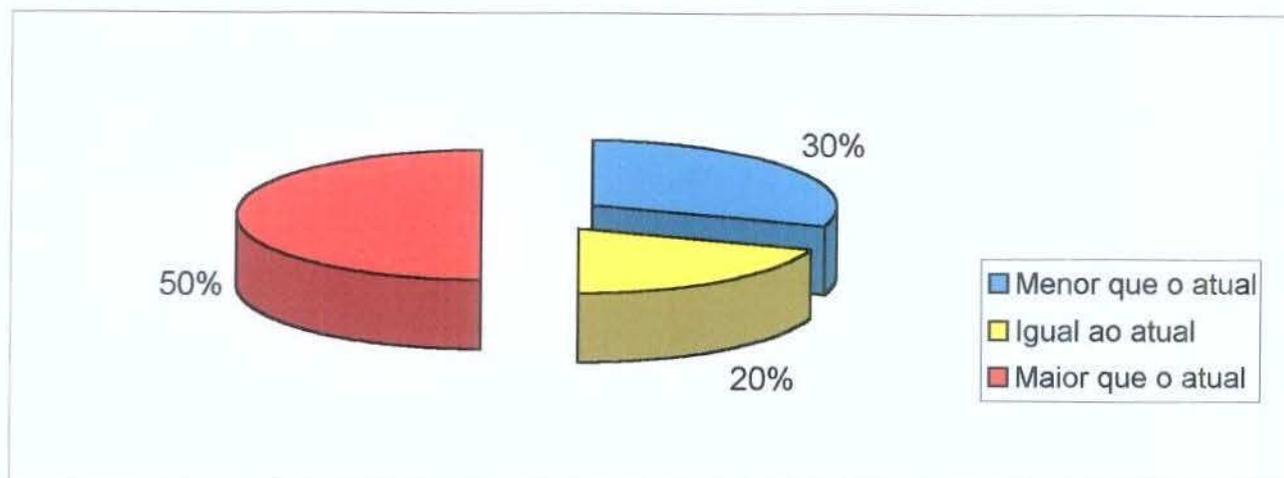


Podemos observar a partir da **Figura 11** que as **atletas** idealizam proporções corporais menores, o que possivelmente confirma o resultado geral para a escala A em que os níveis de insatisfação (muita insatisfação e pouca insatisfação) representam 53% das **atletas**.

Percebemos que para as **atletas** relacionam-se algumas especificações para uma idealização de tamanho menor. Aparentemente o contexto existente fora do esporte influencia as escolhas das **atletas** num desejo de que as proporções corporais sejam menores

Para a proporção peso há uma diferenciação em relação ao ideal de proporções menores. Quando observamos isoladamente o ideal da proporção peso para as **atletas**, verificamos uma modificação em relação à representação geral entre os níveis idealização, como demonstra a **Figura 12**.

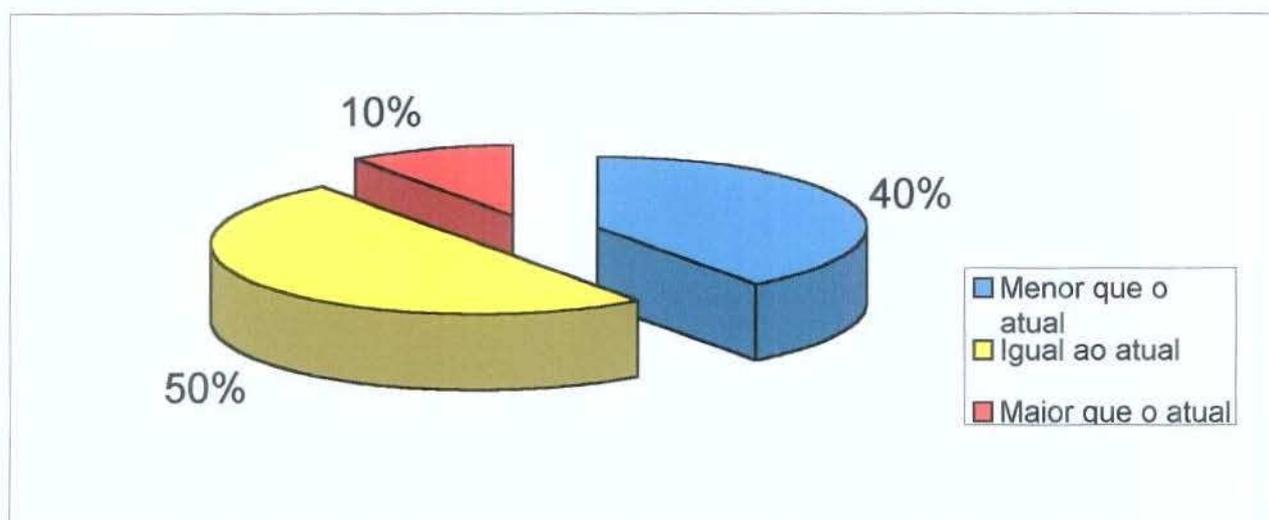
Figura 12. Proporção peso idealizada por atletas.



Para 50% das **atletas** há uma idealização de que o peso deva ser maior que o peso atual em oposição à frequência de 30% que idealizam a proporção peso menor do que ela é.

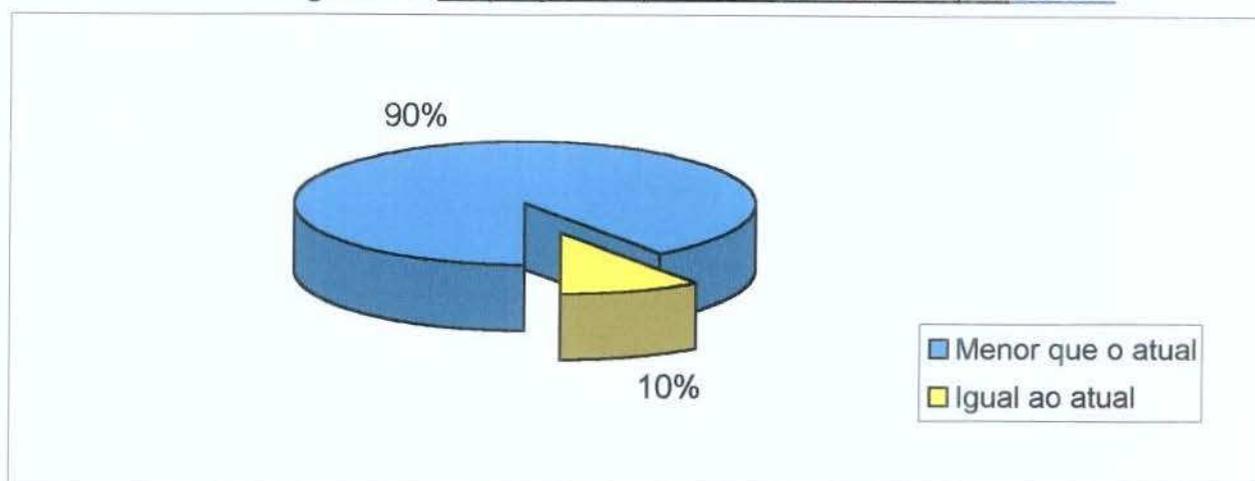
Existem ainda, representações expressivas em relação à manutenção da proporção e uma idealização que tal proporção seja menor. Exemplificamos tal fato a partir da **Figura 13**.

Figura 13. Proporção altura idealizada por atletas.



É importante destacarmos que em relação à proporção coxa as **atletas** mostram uma idealização menor do que a proporção atual. Vejamos na **Figura 14**:

Figura 14. Proporção corporal coxa idealizada por **atletas**.



Novamente há uma confirmação em relação às freqüências relativas gerais apresentadas para a escala A que contempla 52% de **atletas** idealizando proporções corporais menores.

Para a proporção coxa observamos uma significativa manifestação de ideal das **atletas** desta proporção ser menor, inclusive não aparecem escolhas (0% de freqüência) para o ideal maior que o atual.

Discutiremos esses dados (sobre peso, altura e coxa) juntamente com os dados do questionário.

Por enquanto, podemos tratar do último dado representado pela **Figura 14** – proporção coxa – em que a maioria das **atletas** deseja que o tamanho de sua coxa seja menor que o atual. Se recuperarmos os dados relativos as **não atletas** participantes desta pesquisa encontraremos dados completamente contrários, ou seja, para as **não atletas** a proporção

coxa é idealizada como maior que a atual em uma frequência de 90% das respostas.

Os dados coletados com a escala B (para as **atletas**) serão expostos a seguir pela **Figura 15**:

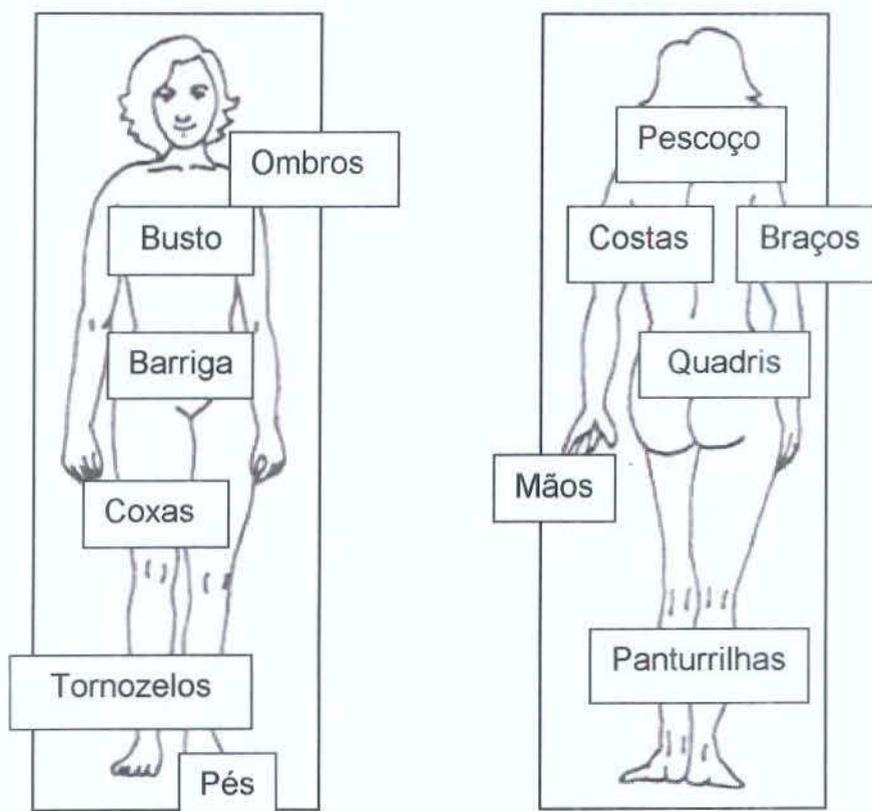


Figura 15. Insatisfações das **atletas** com relação a partes do seu corpo.

Para as **atletas**, de acordo com a **Figura 15**, as insatisfações se concentram com expressão nas áreas destacadas e nomeadas.

Observando a **Tabela 5**, a seguir, encontramos as justificativas por não gostarem ou gostarem menos de tais partes:

Tabela 5. Insatisfações das **atletas** com relação ao seu corpo.

Parte selecionada	Frequência relativa	Justificativa (<i>não gosto porque...</i>).
Cintura	20%	<i>é Muito grossa</i>
Quadris	30%	<i>são Muito grandes</i>
Braços	30%	<i>são Muito fortes</i>
Coxas	60%	<i>são Muito musculosas, grossas.</i>
Tornozelos	20%	<i>são Machucados</i>
Ombros	30%	<i>são Grandes, musculosos e largos.</i>
Barriga	30%	<i>é Flácida</i>
Busto	30%	<i>é Pequeno</i>
Panturrilhas	10%	<i>são Musculosas</i>
Costas	30%	<i>é Larga, musculosa.</i>
Mãos	20%	<i>são Grandes</i>
Pés	20%	<i>são Grandes</i>

Para as **atletas** é importante destacar a frequência de insatisfações com relação aos seus corpos, justificadas por existirem proporções grandes, largas e musculosas. É importante ainda notar que aparecem assim como para as **não atletas** as insatisfações com relação à barriga e ao busto.

Quando as **atletas** se referem a um ideal de tamanho menor para a coxa, na **Figura 14**, estão nos comunicando que pela **Tabela 5** que elas então são musculosas, grossas e que o ideal é que elas fossem menores.

É importante salientarmos quais são os esportes que praticam estas **atletas**; são participantes desta pesquisa atletas de voleibol, natação e futebol, esportes estes que evidenciam o trabalho de membros inferiores além do trabalho de membros superiores para o voleibol, e para a natação.

Seguindo a apresentação dos dados fornecidos pelas participantes **atletas** a **Tabela 6** representa os dados obtidos pela primeira questão da parte D do instrumento de coleta de dados (questionário):

Tabela 6. Levantamento das características ideais do corpo feminino para as **atletas** (questão 1 do questionário).

D – Questionário	
1. Características idéias do corpo feminino (se existirem)	
<i>Respostas</i>	Frequências Relativas
<i>Não existem características idéias do corpo feminino</i>	30%
<i>Busto médio, proporcional</i>	70%
<i>Quadris proporcionais</i>	50%
<i>Rosto delicado</i>	70 %
<i>Pernas delicadas, não musculosas.</i>	70%
<i>Cintura marcada</i>	50%
<i>Costas proporcionais</i>	30%
<i>Ombros proporcionais</i>	30%
<i>Mãos pequenas</i>	60%
<i>Pés pequenos</i>	40%
<i>Braços delicados, sem serem musculosos.</i>	50%
<i>Estatura média</i>	40%

Voltemos a fazer uma análise dos membros inferiores presentes também na questão 1 do questionário: para as **atletas** o ideal de corpo feminino é aquele que apresenta características que certamente obedecem a padrões de beleza e não características que por si só representam feminilidade.

Pernas delicadas, mas não musculosas, nos trazem a informação de que o feminino é o delicado que não exhibe musculatura, condição essencial para a prática organizada e orientada de exercício físico com o objetivo de rendimento.

Em comparação aos dados fornecidos pelas **não atletas**, verificamos também a presença do aspecto delicadeza como condição de ideal feminino, porém diferentemente do que para as **atletas** ocorre invariavelmente, para todas as **não atletas**, até mesmo para aquelas que responderam que não existem características ideais do corpo feminino a vinculação do feminino com a beleza, o que pode ser notado nas **Tabelas 3 e 4**.

Nota-se com a representação das questões 3 e 4 (**Tabelas 7 e 8**) respondidas pelas **atletas** que aparecem menores variações de delicadeza vinculada à beleza e ao feminino. Importante é atentarmos, na tabela 3, para a frequência de adolescentes **atletas** que responderam a questão dizendo que não apresentam características ideais de feminilidade, uma vez que por inferência podemos concluir que a feminilidade está caracterizada como beleza, como padrão.

Não há para as **atletas** uma representação de padrão como há para as **não atletas**, por exemplo, Sandy. Há sim, uma preocupação com a exposição que esse corpo atleta sofre, se permitindo excluir de ideais, que aparentemente existem como condição para feminilidade e se incluindo por

conta dos mesmos ideais numa concepção de que as características do corpo apresentam-se como masculinas aos olhos das outras pessoas.

Para a segunda questão da parte D do instrumento os dados são, de acordo com a **Tabela 7**:

Tabela 7. Levantamento das características ideais que as **atletas** consideram ter.

<u>D – Questionário</u>	
2. Características ideais que considera ter	
<i>Respostas</i>	Frequências Relativas
<i>Não responderam</i>	30%
<i>Quadris proporcionais</i>	30%
<i>Rosto delicado</i>	40%
<i>Nenhuma das características</i>	20%
<i>Cintura</i>	30%
<i>Estatura média</i>	40%

Apresentamos aqui um depoimento que não pode deixar de ser destacado, como por exemplo, na resposta dada a questão 2 por uma **atleta** de futebol participante desta pesquisa;

“Se existem características ideais para as outras pessoas acho que elas devem pensar que eu estou fora daquilo que deveria ser, minhas pernas, por exemplo, não são femininas, são grossas, desajeitadas e vivem machucadas por conta dos tombos que tomo”.

Na terceira questão novamente 30% das **atletas** não responderam. A relação de respostas e suas freqüências para esta questão são demonstradas pela **Tabela 8**:

Tabela 8. Levantamento das características que **atletas** acham que outras pessoas percebem nelas.

<u>D – Questionário</u>	
3. características que você acha que outras pessoas percebem em você	
<i>Respostas</i>	Freqüência relativa
<i>Não responderam</i>	30%
<i>Altura</i>	40%
<i>Pernas musculosas</i>	50%
<i>Busto médio</i>	40%
<i>Rosto delicado</i>	30%

Para a terceira questão é necessário que se ilustre com uma das respostas dadas por uma das **atletas** que diz:

“Acho que as pessoas não percebem características femininas em mim por causa do futebol. Só quando estou de batom, saia ou vestido é que acho que elas percebem coisas femininas como a altura. Aliás, não gosto que as pessoas falem do meu corpo, do meu jeito, porque sempre elas acabam falando que eu só podia mesmo jogar futebol, e eu não gosto disso”.

O esporte para mulheres parece se manter, historicamente, preso a armadilhas.

Nos primórdios do movimento olímpico, às mulheres era vedada a participação cabendo-lhes apenas a entrega dos louros aos vencedores. Com a evolução feminina na sociedade, a participação da mulher no esporte de rendimento na atualidade é um fato inexorável. Porém, as atletas, por estarem envoltas em ideais de beleza que percorrem o imaginário social e por tentarem se encaixar a qualquer custo nos padrões exigidos por uma sociedade que insiste em priorizar outros quesitos que não aqueles indispensáveis para o rendimento esportivo, parecem se sacrificar ao máximo para cumprir essas exigências.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da discussão para este trabalho, mas não o esgotamento deste tema, podemos concluir que de alguma maneira o esporte legitima um padrão heterossexual, seja ele mesmo em ação, ou aceitando ações de fora, de um contexto maior.

É no esporte, um contexto corporal por si só, que temos a necessidade de abertura para falar do próprio corpo, de satisfações e de insatisfações. Professores, técnicos, dirigentes do esporte são os profissionais que oferecem meios para que atletas consigam atingir seus objetivos, e é uma intervenção num processo de socialização por estes profissionais, que tornará o esporte, possivelmente mais saudável.

A busca do feminino no ser humano representa a busca de um potencial interno a ser trabalhado, discutido, falado, tanto no homem como na mulher.

O que se percebe com este trabalho é que se algum tempo atrás os preconceitos versavam sobre a fragilidade e a incapacidade do corpo feminino em praticar diversas modalidades esportivas, atualmente há grande dificuldade em lidar com o próprio corpo atlético da mulher, que nem sempre pode, ou quer, corresponder a padrões de beleza determinados por terceiros.

Emery (1994) enfatiza o crescimento da erotização dos uniformes esportivos, que, apesar de pretensamente aumentar o público em competições femininas, na verdade presta um desserviço às atletas, pois faz com que elas sejam reconhecidas mais pelos dotes físicos do que pela proeza atlética.

Quantas atletas ficaram fora daquela seleção do campeonato paulista de futebol por não cumprir os critérios dos dirigentes? A principal jogadora brasileira de futebol, Sissi, que atualmente vive nos Estados Unidos, não participaria deste campeonato, pois tem cabelo raspado e segundo o regulamento da competição, com “cabelo raspado não entra”. Com isso provoca-se a uma reflexão: o centro avançado Ronaldinho ou o ala Roberto Carlos teriam de deixar o cabelo crescer para jogar na seleção do Brasil?

Percebemos que as atletas sabem de sua necessidade em ter um corpo forte, musculoso, de serem altas; sabem e desejam possuir qualidades atléticas que lhes assegurem boas condições de disputa. Porém, ao mesmo tempo relatam um ideal de fragilidade, de uma imagem que, para elas, corresponda ao ideal feminino que nossa sociedade almeja.

O esporte, por tudo que mobiliza nas pessoas em termos de paixões e interação social, oferece oportunidade ímpar de prática cotidiana, em quadras, pistas, ginásios e piscinas, que inclua a luta feminina e que garantindo a presença da mulher nesses meios esportivos com plenos direitos, sendo ela valorizada por seu desempenho e não desmerecida por comentários preconceituosos, processos seletivos absolutamente incoerentes e ofensivos a sua condição humana e atlética.

Compartilhando com palavras do autor desconhecido que sejam aceitas as expressões da mulher: a mulher forte e a mulher com força.

Uma mulher forte versus uma mulher de força.

*“Uma mulher forte malha todo dia para
manter seu corpo em forma...”*

Mas uma mulher de força constrói relacionamentos para manter sua alma em forma.

Uma mulher forte não tem medo de nada...

Mas uma mulher de força demonstra coragem, em meio a seus medos.

Uma mulher forte não permite que ninguém tire o melhor dela...

Mas uma mulher de força dá o melhor de si a todo mundo.

Uma mulher forte comete erros e evita os mesmos no futuro ...

A mulher de força percebe que os erros na vida também podem ser bênçãos inesperadas e aprende com eles.

Uma mulher forte tem o olhar de segurança na face...

Mas uma mulher de força tem a graça.

Uma mulher forte acredita que ela é forte o suficiente para a jornada...

Mas uma mulher de força tem fé que é durante a jornada que ela se tornará forte “.

(autor desconhecido)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberastury, A. e Knobel, M. (1988) **Adolescência normal – um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed.

Bandura, A. (1977) Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, 84(2), 191-215.

Bee, H. (1984). **A criança em desenvolvimento**. 3. ed. São Paulo: Harbra

Becker Júnior, B. (1995). **Preparação psicológica aplicada ao atleta de alto nível e ao atleta escolar**. 13º Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva, Vitória: FBMD.

Becker Júnior, B. (2000). **Manual de psicologia do esporte & exercício**. Porto Alegre: NovaProva.

Belotti, E. G. (1975) **Educar para a submissão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Blay, E. A. (2002) **Barbie x Hortência. II Fórum de debates sobre mulher e esporte: mitos e verdades.** São Paulo: EEFUEUSP.

Brandão, R. (2002) **Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero.** Em Simões, A. C. (org.) **Mulher e esporte: mitos e verdades.** São Paulo: Manole.

Caderno de Esportes (2001). **Folha de São Paulo.** São Paulo, 16 de setembro.

Chizzotti, A. (1998). **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez.

Cunha Júnior, C. F. F. (1996) **Jogos, brinquedos e brincadeiras: investigando relações de gênero na experiência de crianças do Colégio Pedro II.** **Revista Motrivivência**, n 9, dez.

Fierro, A. (1995) **Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência.** In Coll, et al. **Desenvolvimento psicológico e Educacional: Psicologia Evolutiva.** Porto Alegre: Artmed.

Daolio, J. (1995) **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus.

Doron, R. e Parot, F. (1998) **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática.

Drummond, C. (1984) **Corpo: novos poemas**. Rio de Janeiro: Record.

Emery, L. (1994) From Lowell Mills to the halls of fame: industrial league sport for women. In Costa. M. & Guthrie, S. (eds.) **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics.

Estêvão, C. e Almeida, L. S. (1999) Dimensões do autoconceito e sua relação com o rendimento escolar. **Psicologia Argumento**. Ano XVII – número XXIV –abril.

Giuffrida, G.; Delphino Júnior, L. C. A. e Simões, A. C. (2002). Mulheres e esporte de rendimento: um estudo exploratório. **II Forum de debates sobre mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: EEFUEUSP.

Giuliano, T. A. (2000) **Footballs versus Barbies: childhood activities as predictors of sports participation.** Disponível em http://www.findarticles.com/cf_0/m2294/200_Feb/63787370/pl/article.jhtml.

Hoyes, N. e Straton, P. (1994) **Dicionário de Psicologia.** São Paulo: Pioneira.

Knijnik, J. D. (1999). A imagem corporal da atleta de rendimento: reflexões e experimentos. **IV Simpósio de Pós-Graduação da EEFÉUSP.** São Paulo: EEFÉUSP

Knijnik, J. D. (2001) **Ser é ser percebido – Uma radiografia da Imagem Corporal das Atletas de Handebol de Alto Nível no Brasil.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

Lakatos, E. M. e Marconi, M. de A. (1996). **Técnicas de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas.

Mourão, L. Representação Social da mulher brasileira nas atividades físicos – desportistas: da segregação à democratização. **Movimento – Publicação da Escola de Educação Física / UFRGS, 13.**

Nelson, J. K. e Thomas, J. R. (2002) **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** Porto Alegre: Artmed.

Osório, L. C. (1991) **Adolescente hoje.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

Penna, L. (1989) **Corpo sofrido e mal-amado – As experiências da mulher com o próprio corpo.** São Paulo: Summus.

Range, B. (1998). **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva.** São Paulo: Editorial Psy.

Rappaport, C. R. org. (1984). **Temas básicos de Psicologia.** São Paulo: EPU. D'Oliveira, M. M. H. *Ciência e Pesquisa em Psicologia.*

Rubio, C. e Simões, A. S. (1999) De espectadoras a protagonistas. A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento** – Publicação da Escola de Educação Física/UFRGS, 11.

Silva Júnior, W. S. (2001) **Adolescência e Futebol: Uma imagem corporal em construção**. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em treinamento em esportes da faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas / São Paulo.

Simões, R. (2002) Corpo Mulher no século XX: ações e reações. In Moreira, W. W. e Simões, R. (orgs.) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Unimep.

Simões, A. C. (1996) **Jornal da USP**. São Paulo, 9 de setembro. p.9

Thorndike, R. L. e Hangen, E. (1973) **Tests y Técnicas de Medición en Psicología y Educación**. México: Editorial Trilhas

ANEXOS

Carta de Consentimento

Campinas, ____ de _____ de 2002.

Prezado (a) pai/mãe/responsável

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo verificar o autoconceito de adolescentes, do sexo feminino, atletas e não atletas. A participação de sua filha/menor de sua responsabilidade, embora voluntária, é de grande importância para a obtenção de informações sobre o autoconceito e para que a pesquisa seja concluída.

Para obter os dados necessários será utilizado um questionário que será entregue a sua filha.

Asseguramos que será guardado o anonimato sobre a identidade das participantes desta pesquisa.

Esperamos contar com a sua colaboração, nos colocando ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitem esclarecimento. Solicitamos também que assine esta folha de permissão de pesquisa.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Orival Andries Junior

Orientador

Camila Soligo Barbosa – Aluna do 10º semestre da Faculdade de Educação Física da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp)

Eu, _____ concordo com a participação da minha filha/menor de minha responsabilidade nesta pesquisa, estando ciente de seu objetivo e da importância de participação.

Assinatura _____ data ____ / ____ / ____

Concordância da adolescente

Eu, _____ compreendo que meus pais/responsáveis deram-me permissão para fazer parte em um estudo sobre autoconceito. Estou participando porque quero.

Assinatura _____ data ____ / ____ / ____

Folha de São Paulo, 16 de setembro de 2001.

FPF institui jogadora-objeto no Paulista

Para entidade, beleza é requisito básico na seleção de atletas para a competição feminina que começa em outubro

Autor: EDUARDO ARRUDA

Da Reportagem Local

CADERNO DE ESPORTE Página: D5

No lugar dos cabelos ralos, longos rabos-de-cavalo. Dos calções masculinos, shorts minúsculos. Da cara limpa, a maquiagem. Em seu campeonato feminino, que começará em 7 de outubro, a Federação Paulista de Futebol vê a beleza como requisito fundamental para selecionar as meninas que disputarão a competição.

No projeto, elaborado em conjunto com a Pelé Sports & Marketing, ao qual a Folha teve acesso, o embelezamento das atletas está entre os "objetivos principais" para o "sucesso do torneio". "Desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino", diz um dos pontos.

Num outro, o documento ressalta a importância de "desenvolver ações de consultoria de imagem, estilo pessoal e treinamento de mídia com as jogadoras". Em seu discurso, no lançamento da competição em um hotel de São Paulo, na última quinta-feira, o próprio presidente da FPF, Eduardo José Farah, admitiu a "necessidade" na mudança do atual perfil das atletas da modalidade no Brasil. "Temos que mostrar uma nova roupagem no futebol feminino, que está reprimido por causa do machismo. Temos que tentar unir a imagem do futebol à feminilidade", disse o dirigente.

"Vamos ter um campeonato tecnicamente bom e bonito."

Conforme as regras do Paulista, a meia Sissi, principal jogadora da história do futebol feminino brasileiro, não teria vez no torneio.

Sissi, que atualmente defende o Bay Area CyberRays, campeão da primeira edição da WUSA (Liga norte-americana de futebol), tem os cabelos raspados.

"Aqui, com cabelo raspado não joga. Está no regulamento", disse o vice-presidente da FPF Renato Duprat, o responsável pela organização do torneio paulista.

O dirigente, entretanto, nega que a questão estética prevalecerá sobre o aspecto técnico no processo de seleção das atletas. "Se tivermos de escolher uma menina feia que jogue bem ou uma bonita que jogue mais ou menos, escolheremos a feia. Pode ter certeza", declarou.

Desde a última terça-feira, a FPF está aceitando inscrições de meninas entre 16 e 23 anos de idade para disputar o torneio. A expectativa de Duprat é que 700 jogadoras se inscrevam para a seletiva, que acontecerá nos dias 20 e 21 deste mês. Cerca de 210 meninas serão selecionadas por uma comissão técnica formada pela FPF e se juntarão a outras 30 atletas federadas.

Após a seletiva, todas as jogadoras serão distribuídas, de acordo com o critério técnico, para as 12 equipes que disputarão o Paulista. Participarão do torneio Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Lusa, Juventus, Nacional, Guarani, Ponte Preta, Matonense, São Bento e Taubaté. Cada equipe deve receber 20 atletas. Clubes como Juventus, Lusa e Guarani, que possuem equipes em atividade, devem manter seus times-base. "O nosso objetivo é fazer um campeonato equilibrado", disse Duprat. "Cada equipe, por exemplo, só pode ter uma jogadora da seleção

brasileira." Tábata Viana, 18, atacante do Juventus, acredita que a mudança estética facilitarão desenvolvimento do futebol feminino. "Agora a mídia vai querer comprar o futebol feminino. A TV vai mostrar que há mulheres jogando", disse ela.

A meia Silvia Melo, 20, do Juventus, acha que a "imagem das velhas jogadoras trouxe preconceito à modalidade". "Agora, a mulher poderá provar que não precisa ser masculina para jogar", declarou.

O Paulista feminino será bancado pela FPF, que deve desembolsar cerca de R\$ 2 milhões. Os cinco clubes considerados grandes receberão cotas de R\$ 40 mil por partida. Os demais, R\$ 20 mil. O teto salarial das atletas é de R\$ 2.000, e o piso de R\$ 300. O torneio também deverá ter confrontos mostrados ao vivo na TV. A Rede TV! deve adquirir os direitos de transmissão.